VII

Os Errores d'Ulysses: — Viagem ao Mar do Norte

Primeira variante

Ponto de partida. — Voltando da Libya, Ulysses não pôde entrar em Ithaca; chegou apenas á vista d'Ithaca, sendo assaltado por uma tempestade, que o fez recuar á Eolia.

Ninguem perguntará de certo porque o prudente filho de Laerte, que não fazia mais que suspirar pela volta á sua patria, em vez de esperar pelas immediações da Eolia occasião propícia para tornar a Ithaca, se vae embrenhar n'uma interminavel série de aventuras. Era necessario ligar estas aventuras com as da Libya, e o expediente mais conhecido e melhor era o *deus ex machina* d'uma tempestade.

É exactamente do mesmo modo que Apollonio liga as aventuras do Mar do Norte com as da Libya; mas tão artificial é este expediente, que dos textos do nosso poeta se conclue com certeza que as duas

expedições foram contemporaneas e executadas por differentes personagens [1].

Póde pois dizer-se que a Odyssea, através da puerilidade dos seus expedientes, nos affirma com a maior clareza que o ponto de partida da segunda viagem é o mesmo que o ponto de chegada da primeira, uma Ithaca proxima d'uma região maritima, onde Neptuno, vindo dos Æthiopes, se encontrou com Ulysses, i. é, Tartesso; e que a primeira estação da nova viagem foi a Eolia.

A Eolia. — Eólo, que tão amavelmente recebera Ulysses á sua volta da Libya, trata-o agora com uma dureza inaudita [2]. A fabula não póde ser mais clara, nem confirmar melhor a identificação que fizemos do Eólo dos Errores com o deus Zephyro do periplo phenicio.

Se, na volta da Libya, o vento zephyro devia ser considerado como um favor divino para um navegante, que vinha do Atlantico para Tartesso, agora que elle vae de Tartesso para o Atlantico, tal vento necessariamente o havia de contrariar. A fabula diz portanto que, de Zephyridos para o Cabo de S. Vicente, o nosso expedicionario teve de arrostar com um forte vento oeste — contrariedade lançada á conta do desagrado do deus, que, para continuar a obsequiar o seu antigo hospede, deveria encerrar o zephyro, em que dominava, e agora damninho, dentro dos celebres ôdres.

---

[1] Vid. cap. VIII.
[2] *Odyssea*, X, 72-5.

A Læstrygonia. — Já alguns commentadores antigos, attendendo ás curtas noites, a que a Odyssea allude, fallando da Læstrygonia, a collocavam no alto norte, chegando a pensar em Thule [3].

Parece-nos porém que a fabula homerica tem um logar parallelo muito manifesto na Argonautica, para devermos hesitar sobre a sua localisação. Ulysses chega ao paiz dos Læstrygões á frente da esquadrilha, com que sahira de Troia, e, excepto o seu, todos os outros navios vão ancorar n'um porto a pouca distancia da capital d'aquelle reino. O porto, bem que «muito celebre», só era accessivel por «um estreito, ladeado de altas rochas». Alguns exploradores vão reconhecer a terra e encontram junto á Fonte Artacia a filha do rei, que tem a amabilidade de lhes indicar o caminho para o palacio de seu pae. Chegados ahi, tudo muda de repente; rei e rainha, como todo o seu povo, são gigantes monstruosos e ferocissimos, que, depois de devorarem os pobres exploradores, se precipitam de roldão para o porto, fazendo o mesmo a todos os tripulantes e aniquilando os seus navios. Ulysses, que por prudencia tinha fundeado fóra do porto, foge a toda pressa d'aquella terra de antropophagos [4].

Ora este porto celebre, accessivel apenas por um

---

[3] Bochart, obr. cit., I, XXXIII, já conhece estas opiniões; mas não faz caso d'ellas. Não succede o mesmo com alguns poucos escriptores modernos. Vid. *La Mythologie grecque et l'histoire de l'Europe occidentale,* por M. Jubainville, nas *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris,* 3.º anno, fasciculo 5.º

[4] *Odyssea,* X, 80-132.

estreito assimelha-se extremamente á entrada do Mar do Norte; os Læstrygões, correndo com o seu rei atraz dos estrangeiros, que vieram demandar a sua cidade, e obrigando Ulysses a fugir precipitadamente, ainda mais se assimelham aos subditos de Aetes, correndo com elle ao porto, quando sabem da fuga dos Argonautas [5] e perseguindo-os depois com o maior encarniçamento.

Não podemos, em vista d'isto, deixar de acreditar que os successos dos Argonautas em Ea e a fabula dos Læstrygões são logares perfeitamente parallelos. Força é admittir n'este caso que a Læstrygonia é a Inglaterra [6].

Resulta d'aqui que o nosso mythographo daria dois nomes á Inglaterra, o de Læstrygonia e o de Ea e diria que Ulysses da Læstrygonia (Inglaterra) iria aportar a Ea (Inglaterra). Resultaria ainda, o que é

---

[5] *Argonautica*, IV, 219 e seg.

[6] Além das razões expostas no texto, ha uma outra que nos parece decisiva. A Fonte Artacia, que a Odyssea põe na Læstrygonia, colloca-a Apollonio em Cyzico (I, 957) e ahi temos os mesmos gigantes monstruosos, um porto com uma apertada entrada, onde a nau Argo ficaria encurralada e á mercê dos agressores, se Hercules, o sempre victorioso, não estivesse presente (I, 989-1003). Ora nós mostraremos que Apollonio localisou em Cyzico os episodios que deveria localisar em Gades e, como já sabemos, Gades foi identificada com Erythia (Inglaterra). Por isso temos como certo que a Fonte Artacia, os falsos gigantes e outros incidentes, vieram da verdadeira Erythia para a falsa, onde os encontrou já a legenda seguida por Apollonio, e foram por fim parar a Cyzico, em consequencia d'uma segunda translocação, exigida pelos interpretes gregos.

mais inverosimil, que o auctor da primeira variante se não guiava por uma legenda historicamente encadeada, quando tudo o que elle nos conta em Ea, e d'ahi até ao paiz dos Cimmerios, demonstra exactamente o contrario.

Estas incongruencias têm para nós uma explicação quasi forçada. O episodio da Læstrygonia é o fragmento d'uma terceira variante [7] aqui intercalado absurdamente, talvez em substituição d'outro incidente, que foi sacrificado por causas hoje desconhecidas. Esta substituição parece-nos mesmo ser denunciada por outras indicações sobre a posição da Læstrygonia, inconciliaveis com as primeiras, e apontando uma localidade, de que a segunda variante se occupa. Pelos v. 131-2 (x), da Læstrygonia para Ea Ulysses seguiria por alto mar [8], e a Læstrygonia ficaria a sete dias da Eolia [9], portanto pelo noroeste da Hispanha. No noroeste da Hispanha, no Golfo da Gasconha, temos nós de collocar as Se-

---

[7] E não seria a ultima. Os Pheacios, que tão magnificamente trataram Ulysses, tinham emigrado da Hyperia, onde mal podiam viver por causa da insolencia dos Cyclopes que visinhavam com elles (VI, 4-6). Nós desconfiamos muito de que estes Cyclopes do Mar do Norte sejam os Læstrygões com uma outra mascara, e a Hyperia um outro nome da Inglaterra. O epitheto applicado á Hyperia e á Læstrygonia é quasi o mesmo — vasta, espaçosa (VI, 4; X, 82).

[8] Interpretação de M. Dacier e justificada, visto que a ilha Ea, para onde navega Ulysses, ficaria isolada n'um vasto mar (X, 195).

[9] *Odyssea*, X, 80-1.

reias do segundo mythographo; e veremos que d'alli Ulysses segue por alto mar para Scylla e Carybde.

Foi um incidente, identico ao das Sereias, que os coordenadores eliminaram, talvez por o considerarem como uma repetição, substituindo-o pelo que hoje encontramos tão cheio de contradicções?

É essa a nossa opinião; e não temos escrupulo de eliminar por nosso turno o episodio dos Læstrygões, como uma excrescencia, admittindo a sete dias da Eolia, pelo noroeste da Hispanha, uma estação *x*, d'onde o navegante seguiu para Ea por mar alto.

A ILHA EA. — A Ea dos Errores e a Ea dos Argonautas é uma e a mesma cousa: a Inglaterra. Sobre este ponto toda a duvida se torna impossivel. É impossivel tambem desconhecer que as fabulas alli accommodadas não sejam inspiradas pelas tradições historicas da Argonautica.

Se esta não mencionasse em Ea a magica Medea, se a não désse como uma sacerdotisa de Circe, se a não mostrasse loucamente apaixonada por Jason e facilitando-lhe, á custa de todos os sacrificios, os meios de voltar á sua patria, nós não veriamos certamente uma Circe na Ea homerica, familiarisada com todos os segredos da magia, apaixonada por Ulysses e ensinando-lhe os meios de voltar á sua patria. É ainda outro ponto que dispensa qualquer prova.

Claro é que o mythographo transportará tudo isto para o mundo sobrenatural, como faz em todas as outras aventuras, e d'esta vez tudo será relacionado com o Inferno. A amante d'Ulysses transformar-se-ha n'uma deusa, mas n'uma deusa, habitando não longe do Inferno, conhecendo o caminho que para

lá conduz, as ceremonias que é preciso praticar para entrar n'elle sem perigo, emfim uma verdadeira *inferna dea*. E no emtanto apesar das suas phantasias o mythographo perde tão pouco de vista o seu guia historico, que já mostramos como o caminho ensinado por Circe a Ulysses desde a sua ilha até o Inferno é o trajecto da costa oriental da Inglaterra para a foz do Rheno, descripto d'um modo, que não deixa nada a desejar.

O Inferno dos Cimmerios. — O Inferno dos Cimmerios nada tem de imaginario, a não ser um ou outro accessorio, que o nosso mythographo ajuntou ao seu quadro e a côr sinistra que lhe conveio derramar por todo elle. O templo de Proserpina, a Lagôa Stygia, os rios que a alimentavam, não são meras ficções; porque nós veremos, pela Argonautica d'Apollonio e por outras tradições, que na foz do Rheno existia o templo d'uma deusa com todos os visos d'infernal, junto do qual Absyrto foi assassinado, e proximo do templo um lago mephitico, aonde foi arrojado o cadaver do infeliz moço. Ha pois sempre nas fabulas e na geographia dos Errores o reflexo e o echo de verdades historicas, que só de fontes phenicias podiam dimanar.

O mesmo succede com os Cimmerios, que Orpheu colloca n'estas mesmas paragens, e que não são senão os Pheacios da segunda variante, como affirmamos já e a continuação d'este estudo provará sem replica.

Volta a Ea. — Dos Cimmerios Ulysses não tinha outra cousa a fazer senão voltar a Ithaca, como na segunda variante, depois que chega aos Pheacios. O encadeamento das aventuras, feito pelos coordenadores, supprimiu com certeza a solução, que lhe da-

va o mythographo, substituindo-a pela desastrada volta a Ea [10].

A volta dos verdadeiros expedicionarios fez-se, como sabemos, pelo Rheno e Rhodano; e pela sem-ceremonia, com que o segundo mythographo trata este ponto escabroso, podemos conjecturar que o primeiro não nos daria melhores informações. N'este presupposto a falta de tal incidente não é muito para lamentar.

A primeira variante descreve-nos pois uma viagem desde Tartesso á foz do Rheno, mencionando-nos no sudoeste da Hispanha a Eolia ou Zephyridos; no noroeste da peninsula uma estação, infelizmente substituida pela Læstrygonia; a ilha Ea, ou a Inglaterra, e finalmente o paiz dos Cimmerios; e é superior a toda a contestação que o mythographo não só copiou estas estações do roteiro d'uma Argonautica phenicia, mas que parodiou os factos que ella historiava.

Se a segunda variante é um duplicado da primeira, como suggerimos, ha de conter identicas fabulas e identica geographia; e é isso o que passamos a estudar.

---

[10] N'esta volta a Ea, Ulysses entra n'uma região, onde habitava a aurora e onde nascia o sol (XII, 3-4), isto é, appareceria no Oriente. Para nós a extravagancia prova apenas que se intercalou aqui o incidente d'uma legenda mythica, solar, sem sciencia, nem consciencia, e á falta de cousa melhor.

Segunda variante

Ponto de partida. — A ligação de todas as aventuras da viagem ao Mar do Norte foi feita, como provamos, com a volta á ilha de Circe, em virtude da fusão das duas Circes. É manifesto que, em vista d'isto, o verdadeiro ponto de partida não podia deixar de desapparecer; mas, admittida a independencia das variantes, como não póde deixar de admittir-se, o ponto de partida era sempre Tartesso (a pseudo-Ithaca dos Errores) e o Circèo fica a ser a primeira estação d'este roteiro.

O Circêo. — A critica que fizemos dos textos d'Apollonio e d'Orpheu, combinada com as noticias do periplo phenicio do seculo VI sobre a *inferna dea* do sudoeste da Hispanha, e a tradição de Strabon deixando inferir que foi em Onoba que os Phenicios colheram as melhores informações sobre a navegação para Ea, não deixa duvida, crèmos nós, que no sudoeste da Hispanha, e precisamente perto d'Onoba, ha de ser collocada a morada da segunda Circe dos Errores, que não é outra senão a *inferna dea* do periplo.

Posto isto, as fabulas homericas reproduzem muito fielmente a verdade historica. Pelas informações d'Apollonio sabemos que os Argonautas procuraram com devoção o templo d'aquella deusa, por ser, como Hecate, uma divindade infernal e maritima ao mesmo tempo, e n'esta ultima qualidade advogada dos navegantes e sua protectora contra os perigos, que elles tinham a affrontar. Na expedição a Ea, os perigos principaes são os do Golfo da Gasconha e os da passagem do Calais, que a deusa,

como os informadores dos Argonautas, deve conhecer muito bem, sendo provavelmente para os amparar n'estes dois lances temerosos que os devotos imploraram todo o favor da poderosa divindade.

Segundo o seu processo habitual, o mythographo mostrar-nos-ha o seu heroe em intima familiaridade com a deusa, que lhe descreve ao longo as paragens perigosas, que ha de encontrar no seu caminho e os meios que tem de empregar, para as atravessar com facilidade.

Que tudo isto não póde deixar de ser assim, mostram-no os dois episodios seguintes.

As Sereias. — O primeiro grande perigo no itinerario para a Thrinacia é o das Sereias.

O nosso mythographo localisa-as entre o Circêo da Hispanha e o Passo de Calais (Scylla e Carybde). Como as fabulas homericas encobrem sempre um facto historico, vejamos se o significado intimo dos incidentes, que compõem o episodio, póde orientar-nos ácerca da posição geographica d'estas Sereias do occidente.

A sua morada era uma ilha, onde alvejavam as ossadas dos miseraveis que alli tinham ido naufragar; porque, chegando ao alcance da voz d'aquellas magicas cantoras, obedeceram á necessidade irresistivel de as ouvir de perto, e aproando os seus navios na direcção da ilha o mesmo era que precipital-os n'um abysmo [11].

Por isso Circe aconselha Ulysses a que obrigue os companheiros a tapar os ouvidos com cera, de

---

11 *Odyssea*, XII, 39-46.

modo que não possam escutar uma só nota d'aquelles cantos fascinadores. Elle mesmo, se tiver curiosidade de os ouvir, deve exigir dos socios que o amarrem com cordas ao mastro do navio, e o amarrem ainda mais sólidamente, se forcejar por se desprender, porque é isso signal evidente de que a fascinação o subjuga e que elle proprio irá dirigir o navio para aquelles paramos da morte [12].

Tudo quanto prediz Circe se realisa ponto por ponto; mas, como os companheiros do heroe cumprem fielmente as suas ordens e, quanto mais elle estrebucha para se soltar, ouvindo as Sereias, mais fortemente é atado ao seu poste, o navio póde seguir o seu rumo, sem passar por deante da ilha das ferozes deidades; e tal foi o desespero d'ellas por verem sem effeito o seu poder magico, que se precipitaram no mar e ahi morreram.

Como a navegação dos expedicionarios para o Mar do Norte era costeira, o facto capital que resalta da allegoria homerica é que as Sereias habitavam n'um ponto da costa europeia, por onde o mareante podia seguir, ou não seguir.

Do periplo phenicio do seculo VI infere-se que os Phenicios, navegando de Tartesso para o Mar do Norte, costeavam o littoral da Hispanha, mas chegando á Corunha, em vez de continuarem pelas costas do Golfo da Gasconha, certamente para evitarem os perigos d'aquelle perfido mar, tomavam á dreito para o canal da Mancha.

Não é este facto historico que o mythographo

---

[12] *Odyssea*, XII, 47-54.

dos Errores poetisa d'um modo, que tem tanto de admiravel, como de fiel?

Sigamos os velhos mareantes até á Corunha e imaginemol-os alli na hora decisiva de largar a navegação costa a costa, que os fascina na razão directa do pavor que lhes inspira a navegação pelas solidões do mar alto. O temerario expediente, que vão tomar, deve parecer-lhes, além de tudo, insensato, porque as aguas do Golfo não podem estar mais tranquillas, nem murmurar mais dôcemente. É o canto das Sereias chamando-os para a costa.

Os praticos conhecem porém a perfidia d'aquelles cantos, i. é, sabem com que rapidez as procellas se formam e rebentam n'aquelle mar, agora tão calmo, mas que d'um instante para outro se póde tornar no sorvedouro de victimas, por que suspiram as Sereias.

O alvitre dos peritos é acceite; tal é porém a enormidade do sacrificio que fazem os nautas, ao pôl-o em pratica, que o proprio capitão do navio, devendo dar o exemplo de coragem, exige que não obedeçam a qualquer manobra que elle ordene contra as indicações dos praticos, porque taes ordens só provarão que não sabe vencer os seus terrores, quando entra pela vasta solidão do Oceano, e que então mais que nunca o attrae irresistivelmente a viagem ao longo da costa, em que taes terrores são a bem dizer desconhecidos.

A interpretação do episodio das Sereias, comprehendido em todos os seus incidentes, não póde ser senão esta; o facto capital, como dissemos e repetimos, implica a dualidade de caminhos n'um mesmo itinerario, e esta dualidade de caminhos na navegação que nos occupa, só é possivel na Corunha. E

por isso, mesmo abstrahindo dos esclarecimentos, que procuramos nos outros incidentes da fabula, esta unica reflexão bastaria para localisarmos á entrada do Golfo da Gasconha as famosas Sereias do mar do occidente [13].

O significado da morte das Sereias é transparente, como tudo o mais: indica simplesmente o abandono da navegação pela costa do mar Cantabrico, e não podemos deixar d'accentuar o mais que podemos que o abandono d'esta navegação e a travessia pelo mar largo foi ensinada a Ulysses pelo informador de todo o roteiro.

Scylla e Carybde. — Depois de deixar atraz de si as paragens infestadas pelas Sereias, Ulysses avista ao longe uma como fumaceira derramada por sobre um mar revolto, onde cruzam rugidos medonhos [14]. É o terrivel estreito ladeado por Scylla e Carybde, e estamos já em frente dos nevoeiros do mar dos Pheacios, porque atraz demonstramos claramente, nos parece, que Scylla e Carybde são o Passo de Calais.

Deveria esperar-se na passagem do temeroso estreito uma pintura pelo menos tão carregada, como a vemos em Apollonio, descrevendo os seus heroes na garganta dos Dardanellos. Não succede assim. Os companheiros d'Ulysses passam através dos dous monstros, sem os reconhecer [15], e nós veremos que n'este ponto o mythographo dos Errores é muito

---

[13] É possivel que a «ilha» das Sereias não seja outra cousa senão os Trileuci Scopuli de Ptolomeu.

[14] *Odyssea*, XII, 201-2.

[15] *Odyssea*, XII, 223-5.

mais fiel ao facto historico do que o poeta da Argonautica. Diremos comtudo desde já que os Argonautas atravessaram sem perigo, nem sustos, o Passo de Calais, porque já então ia com elles Argus, o neto d'Aetes, e os heroes tinham confiado á sua «pericia», como diz Apollonio, a direcção do navio.

A celebridade terrifica do estreito só podia datar para os Argonautas depois da fugida d'Ea, e não porque os perigos da passagem os intimidassem, visto que Argus com a sua pericia ainda ia com elles, mas porque, vendo-o tomado pelos inimigos, deviam consideral-o como se fossem as portas de um inferno.

O mythographo dos Errores reproduz a seu modo todos estes factos. Á ida para a Thrinacia o navio atravessa o estreito sem grandes contrariedades. Depois do desastre da Thrinacia, a tempestade traz Ulysses outra vez áquellas paragens e é então que Scylla e Carybde se mostram com todos os seus horrores.

A Thrinacia. — Ficava immediatamente depois de Scylla e Carybde, diz a Odyssea. É indubitavelmente a Inglaterra.

A fabula que o nosso mythographo ahi localisa é vasada quasi nos mesmos moldes que a da Heraclea no 10.º trabalho; mas as differenças são as que podem esperar-se d'um fiel parodista da Argonautica. Ulysses não representa o papel falso e absurdo do filho d'Alcmena, que não só rouba os bois do filho de Chrysaor, o Sol, mas mata o deus, depois d'uma lucta encarniçada. Muito pelo contrario, o rei d'Ithaca faz todas as diligencias possiveis para que os seus companheiros respeitem os bois do grande deus, do deus Helios, porque certo estava elle que

o sacrilegio attrahiria sobre todos um enorme desastre, tornando erriçada de perigos a volta á suspirada patria.

Vê-se portanto que, supposto o mythographo vá sempre coherente com o seu processo habitual, fazendo do regulo Aetes nada menos que o deus Helios, todavia acata sempre a verdade historica; porque mais que provavelmente, se os Argonautas phenicios não provocassem pelos seus actos a justa vingança d'Aetes, nada soffreriam na sua ilha e voltariam tranquillamente ao seu paiz pelo caminho do Atlantico.

A Pheacia. — Ulysses não pôde evitar o attentado contra os bois sagrados. A punição não se fez esperar. Logo á sahida da Thrinacia, Jupiter, ás exigencias d'Helios, desencadeia uma tempestade medonha, que precipita os sacrilegos e o seu navio no fundo do mar.

Apenas se salva o rei d'Ithaca, indo arribar á Pheacia, depois de andar por muito tempo á mercê das ondas, agarrado ao fragmento d'um mastro. Estamos muito longe da curiosissima descripção, que no logar parallelo a este nos deu o primeiro mythographo. Ainda assim, transparecem sempre os reflexos d'alguns incidentes historicos. Este naufrago, joguete das ondas, pôde ainda vêr de perto a terrivel Scylla e Carybde, i. é, ainda se aproximou do estreito depois do desastre á sahida da Thrinacia, como depois da fuga d'Ea fizeram decerto os Argonautas, na falsa esperança de poderem escapar-se por alli; é Minerva, como na Argonautica Hera, quem protege Ulysses no mais vivo dos seus perigos; é por um rio, ao genio do qual começa por fazer a sua homenagem, que o heroe entra na Phea-

cia [16]. A Pheacia era, como veremos, lavada pelos braços do Rheno.

Agora as noticias sobre o paiz dos Pheacios são tão reconhecidamente extrahidas da Argonautica, que algumas d'ellas se encontram em Apollonio quasi pelas mesmas palavras. Assim, como em Apollonio, os reis dos Pheacios são Alcinôo e Arete; o seu povo era uma colonia d'uns velhos Pheacios que moravam a distancia, etc.

Na questão geographica os Errores têm sempre a preeminencia que sabemos. As suas indicações não podem ser mais positivas. Os Pheacios habitavam n'um mar coberto de nevoeiros; na extremidade do mar, na mesma extremidade do mar, onde, na outra versão, vivem os seus Sosias, os Cimmerios, fronteiros a Ea e distantes um dia de navegação d'esta ilha; n'uma região, em que se vê a Lagôa Stygia, o templo de Proserpina, etc. — o que tudo nos aponta o Mar do Norte e designadamente a foz do Rheno.

A pintura, que nos faz o mythographo da civilisação dos Pheacios, é exagerada, como tudo aquillo que elle toca com a sua vara magica [17]; mas nem tudo é pura invenção, porque teremos occasião de vêr, que tanto na ilha dos Albiões, como nos povos da chamada Pheacia, estava em plena florescencia

---

16 *Odyssea*, v, 441-6.

17 Não deixa de ser digno de nota que a descripção, feita pela Odyssea do palacio d'Alcinôo, tem extremas analogias com a que Apollonio faz do palacio d'Aetes. Comp. *Odyssea*, vii, 81 e seg. e *Argonautica*, iii, 215 e seg.

a civilisação de bronze, quando os Phenicios lá chegaram a primeira vez.

Volta a Ithaca. — O rei d'Ithaca só teve um desgosto, durante a sua estada na Pheacia. Um dos principes d'aquelle paiz dir-lhe-hia insolentemente em presença do proprio Alcinôo e da sua côrte, que lhe encontrava mais ares de pirata ou d'escrivão de navio do que outra cousa [18]. Curioso incidente, porque á chegada dos Phenicios á Pheacia não havia de faltar gente n'aquella terra, que os tomasse, e com alguma razão, por verdadeiros piratas.

Afóra esta irreverencia, o divino Ulysses não podia encontrar hospedeiros mais obsequiadores. Alcinôo, e com elle os magnates da sua côrte, enchem-no de presentes, em que se contam varias preciosidades de bronze [19], e afiança-lhe que porá á sua disposição um navio, que o levará á sua patria, fique ella onde ficar, porque os seus marinheiros conhecem todos os caminhos do mar [20].

Esta ultima extraordinaria noticia tem seu correspondente na Argonautica d'Apollonio. Ahi Argus diz tambem aos Argonautas que os insulares d'Ea conhecem todas as vias da terra e do mar [21], e traz isto a proposito da sua sciencia ácerca do curso do Rheno, Rhodano e Danubio, e dos mares, em que estes rios desembocavam.

Eram estes caminhos que os insulares d'Ea co-

---

18 *Odyssea*, VIII, 159-64.
19 *Odyssea*, V, 38; XIII, 136.
20 *Odyssea*, VII, 319-20; VIII, 557-61.
21 *Argonautica*, IV, 279-81.

nheciam, e que os Pheacios deviam tambem conhecer; e bastava isso para que os marinheiros d'Alcinôo podessem conduzir Ulysses, senão á Ithaca, como o mythographo diz que fizeram, pelo menos á foz do Rhodano, aonde foram ter os verdadeiros protegidos do rei dos Pheacios.

Vê-se pois que os offerecimentos d'Alcinôo, reduzidos ao seu justo valor, não são uma mera phantasia do nosso mythographo; e pena foi que Ulysses adormecesse, logo que entrou no navio pheacio e tão pesado fosse o seu somno, que só acordasse em Ithaca, sem saber como os seus mysteriosos conductores haviam desapparecido [22]; porque, se tal não acontece, ficavamos decerto sabendo que da Pheacia até o Mediterraneo o caminho foi o do Rheno e Rhodano.

O mythographo conta-nos ainda assim que o navio dos Pheacios voltou ao seu ponto de partida, dando-se n'essa occasião um prodigio que assombrou os espectadores: o navio transformou-se n'um enorme penedo, sem perder a sua fórma primitiva [23].

Tudo n'este prodigio é simples invenção? Nenhuma duvida que os Phenicios se escaparam do Mar do Norte pela navegação do Rheno e Rhodano, graças á coadjuvação dos Pheacios. Esta navegação não podia ser feita na mesma embarcação, em que

---

[22] O mythographo obriga o seu heroe a dormir, quando lhe faz conta. Já no trajecto da Eolia para Ithaca, á volta da Libya, os companheiros d'Ulysses aproveitam o seu somno, quando desatam o ôdre dos ventos.

[23] *Odyssea*, XIII, 161-4.

elles chegaram a Ea e depois á Pheacia, mas em barcos apropriados á travessia d'aquelles dous rios. A famosa nau, a divina Argo, ficou decerto a apodrecer no porto dos Pheacios. É a este facto mal comprehendido que allude a fabula homerica?

Parece-nos ficar bem demonstrado que a segunda variante nos descreve, como a primeira, uma viagem desde Tartesso á foz do Rheno, mencionando uma estação no sudoeste da Hispanha (o Circêo); a travessia por mar alto desde a Corunha ao Canal da Mancha; a passagem do Passo de Calais; uma estação na Thrinacia (Inglaterra), outra n'uma ilha da foz do Rheno (a Pheacia), por fim a volta mysteriosa a Ithaca.

Parece-nos egualmente demonstrado que foi sempre a Argonautica que forneceu a base para as fabulas d'esta segunda variante, como a tinha fornecido para a primeira [24].

Cada mythographo tratará a legenda conforme o prisma, por que lhe aprouve miral-a; para um o heroe faz uma viagem á morada d'Haidés, para outro fará uma viagem á Ilha do Sol. O mesmo succede,

---

[24] As razões, allegadas para dispensar-nos de refutar a opinião dos que vêm no 10.º e 11.º trabalho d'Hercules legendas puramente mythicas, subsistem com respeito aos Errores d'Ulysses, que tambem são considerados como taes, entre outros, por J. F. Cerquand, *Études de mythologie grecque;* Ulysse et Circe, etc.

como sabemos, com Hercules no 10.º e 12.º trabalho.

E certo é que as quatro legendas reflectem factos historicos, que não podem deixar de pertencer á Argonautica phenicia; e, quanto á parte geographica, são tão concordes em fazer seguir aos seus heroes um roteiro desde Tartesso á foz do Rheno, apontando os verdadeiros perigos d'esta navegação e descrevendo tão fielmente algumas das suas estações, que não pediremos desculpa aos leitores do largo tempo que lhes tomamos com o exame da Heraclea e dos Errores, porque o terreno, em que temos d'assentar a reconstrucção da viagem a Ea, ficou, como promettemos, muitissimo desbravado.

Na decifração dos enigmas d'Apollonio, que vamos tentar agora, a cada passo se confirmará esta verdade.